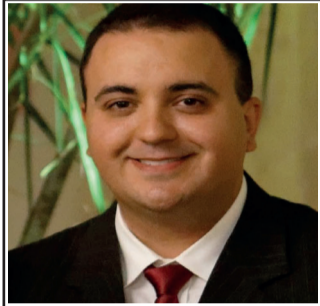




MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE ARAXÁ E REGIÃO

Araxá 28 de Fevereiro de 2025 | Edição 0003 | Ano 01

Famílias Tradicionais de Araxá



Fabricio de Avila Ferreira: Natural de Araxá, é um estudioso da história da cidade, com um extenso acervo fotográfico e documental que retrata a trajetória de Araxá e de suas famílias, fruto de mais de trinta anos de pesquisa. É biólogo especializado em Ciências Ambientais, professor e funcionário público.

Família Ferreira/ Aguiar/Paiva “Jangada” - Pedra Fundamental de Gerações

Manoel Ferreira Carneiro, conhecido popularmente como “o Jangada”, foi o pioneiro da família Ferreira a pisar em solo brasileiro. Natural de uma aldeia rural chamada Ventozela, localizada na freguesia de São Cristóvão de Refojos, no concelho de Vieira do Minho, na região do norte de Portugal, ele provavelmente enfrentava uma vida difícil de subsistência, caracterizada pela escassez de recursos e pela limitada possibilidade de ascensão social. O Brasil, por outro lado, oferecia a perspectiva de um futuro mais promissor, repleto de oportunidades, especialmente para quem possuía habilidades comerciais, financeiras ou de mineração. A atração pela possibilidade de enriquecer rapidamente foi uma das motivações mais comuns para os migrantes da época, sendo esse um fator decisivo para sua decisão de emigrar. Estabelecendo-se na histórica região de São João del-Rei, Jangada se inseriu no contexto de um Brasil colonial em expansão, onde a economia de escambo e o comércio itinerante predominavam. Nesse cenário, ele atuava como mascate, percorrendo os sertões mineiros em busca de oportunidades de negócio, ampliando suas conexões e aproveitando as riquezas emergentes da região. O apelido “Jangada” originou-se de suas audaciosas aventuras nos rios da região, onde ele mesmo construía jangadas para navegar pelas águas. Esses barcos rudimentares eram essenciais para seu ofício, permitindo-lhe transportar mercadorias que, com habilidade, negociava com os habitantes das comunidades. Os relatos dos mais antigos trazem à tona uma intrigante história que ilustra tanto a astúcia quanto a resiliência de Jangada. Certa vez, entre as diversas mercadorias que carregava, encontrava-se um capote, um item de vestuário que despertou o interesse de um fazendeiro. Sem recursos financeiros, o interessado propôs uma troca inusitada: em vez de dinheiro, ofereceu terras. A proposta foi aceita por Jangada, que, no entanto, ao retornar a São João Del-Rei e dirigir-se à loja onde costumava buscar suas mercadorias, encontrou resistência do proprietário, o qual se recusou a aceitar terras como pagamento pelo capote. Diante dessa situação inesperada, Jangada decidiu pagar pelo capote e ficar com as terras. Posteriormente, cedeu parte dessas terras para a construção da primeira igreja, que, mais tarde, contribuiria para a formação da cidade de Santo Antônio do Amparo. A trajetória de Manoel Ferreira Carneiro, “o Jangada”, juntamente com sua esposa Felicidade Cardosa de Andrade, é um testemunho da tenacidade e do espírito desbravador que caracterizavam os primeiros habitantes do interior do Brasil

“São José del Rei, Minas Gerais e capelas filiadas, batismos - aos 05-07-1758 Lage, Felicidade, f.l. Luiz Cardoso Ozorio e Francisca Gonçalves Branca, padr.: Domingos Rodrigues Lima e s/m Maria de Ramos”.

Manoel e Felicidade casaram-se aos 18-05-1772 na Capela de São Thiago filiada à Matriz de São João Del Rei-MG.

Testamento de Manoel Ferreira Carneiro

“Em nome de Deus Amém. Saibam quantos este Público Instrumento de Testamento ou como melhor nome haja virem que, sendo no Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e dois aos cinco dias do mês de Outubro do dito ano, nesta Fazenda de mim Capitão Manoel Ferreira Carneiro, na Barra do Amparo Aplicação de Santana do Jacaré Freguesia de São Bento do Tamanduá Comarca do Rio das Mortes, estando com saúde e em meu juízo perfeito e entendimento que Deus Nosso Senhor me deu e temendo-me da morte ordeno o meu Testamento da forma seguinte: Declaro que sou natural da Freguesia de São Cristóvão de Refojos Comarca do Maia Bispado do Porto, filho legítimo de Manoel Carneiro Ferreira e de Rosa Francisca já falecidos. Declaro que fui casado com Dona Felicidade Cardosa de Andrade, já falecida, de cujo matrimônio tivemos doze filhos por nomes: Francisca = Manoel = José = Ana = Maria = Antonia = Joaquim = Felicidade = Joana = Custódia = Antonio e Maria da Assunção, estes são meus verdadeiros herdeiros e por tais os instituo. Nomeio por meus testamentários em primeiro lugar a meu filho o Alferes Manoel Ferreira Carneiro, em segundo lugar ao Alferes Manoel da Costa Ribeiro e em terceiro lugar ao Guarda Mor Francisco Gonçalves da Silva (...). Meu corpo será sepultado na Matriz ou Capela mais vizinha ao meu falecimento e amortilhado no Hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo (...). Declaro que os bens que possuo são os que se acharem por meu falecimento, os quais depois de pagas as minhas dívidas se as dever e o resto de tudo será repartido em igual parte por todos os meus filhos (...). Declaro que meu testamentário dará cinquenta mil réis a cada uma das filhas do falecido Vicente da Silva Brito e de sua mulher Francisca Barreta, uma por nome Maria e outra por nome Clara. Declaro que meu testamentário dará vinte e cinco mil réis a uma filha de Cipriano José Carneiro e de sua mulher Catharina, a qual filha se chama Ana cuja esmola lhe deixo para casar e no caso que se não case servirá a dita esmola para qualquer de outras irmãs que se casarem. Declaro que o meu testamentário dará dez oitavas de ouro a José de Siqueira, genro do falecido Capitão André Dinis Linhares, morador no Campo Belo. Declaro que o meu Testamentário dará as minhas duas netas, filhas de meu genro o Alferes Manoel da Costa Ribeiro, uma por nome Maria e a outra que se segue a cada uma cem mil réis. Declaro que o meu testamentário dará à minha filha Joana cem mil réis. Declaro que o meu testamentário dará a cada uma das minhas filhas que ao tempo do meu falecimento se acharem solteiras cento e cinquenta mil réis para ajuda das suas alfaias ou vestuários. Declaro que o meu testamentário dará quatrocentos mil réis a algum dos meus filhos ou filhas que por infortúnios que possam vir a ter e se acharem pobres e necessitados e no caso que entre eles não haja algum, desta forma quero e ordeno a meu testamentário os reparta em igual parte pelos meus herdeiros. Declaro que vendi esta minha Fazenda da Barra do Amparo, com todos os seus pertences e mais bens constantes de uma Escritura, a Pedro Cardoso Osório e como este depois a cedeu a meu filho Manoel Ferreira Carneiro por outra escritura que se acha no Livro do primeiro Ofício da Vila de São José na pessoa dele dito meu filho (...). Declaro que o meu testamentário dará a minha filha Maria da Assunção quatrocentos mil réis para ajuda do seu casamento. Declaro que meu testamentário dará duzentos mil réis a minha filha Antonia, casada com o Guarda Mor

Francisco Gonçalves da Silva. Declaro que o meu genro o Capitão Manoel Gomes Carneiro me é devedor por uma Escritura o resto que dela consta e que se ao tempo do meu falecimento ainda restar alguma coisa, meu testamentário irá fazendo a cobrança na forma declarada na mesma Escritura e irá satisfazendo aos meus herdeiros. Declaro que meu testamentário dará a minha filha Ana quatrocentos mil réis para ajuda do seu dote para se casar. Declaro que meu testamentário dará quatrocentos mil réis a minha filha Custódia para ajuda do seu casamento(...) pedi e roguei ao Padre Antonio Machado Borges que este por mim fizesse. Manoel Ferreira Carneiro”

Este testamento escrito em 1802, oferece uma valiosa perspectiva sobre a sociedade e as práticas jurídicas do Brasil Colonial, além de apresentar detalhes sobre a estrutura familiar e as condições sociais da época. Vamos explorar alguns pontos históricos importantes: O testamento segue as práticas comuns no Brasil colonial, onde o testador define a distribuição de seus bens entre os herdeiros e legados a terceiros. A divisão dos bens reflete uma ênfase na família e nas alianças matrimoniais. A menção ao nome de seus filhos, genros e até netas demonstra a complexidade das relações familiares e o desejo de proteger a estabilidade financeira de seus descendentes. Além da partilha dos bens com seus filhos, determina legados para outras pessoas. Essas doações são um reflexo das práticas de solidariedade e assistência social que existiam entre as famílias mais abastadas da época, especialmente quando se tratava de garantir dotes para casamento ou apoiar a família de um falecido amigo. A presença da religiosidade é explícita em todo o testamento, começando com a invocação de Deus no início do documento. Além disso, o testamento menciona o desejo de ser sepultado de acordo com as práticas católicas da época, amortilhado no Hábito de Nossa Senhora do Monte do Carmo, um detalhe que revela a importância da fé e das tradições religiosas na sociedade colonial. O uso de quantias específicas, como 150 mil réis para as filhas solteiras e 400 mil réis para as filhas em processo de casamento, revela a importância do dote matrimonial e do valor econômico da mulher na sociedade da época.

Filhos:

- 01- Francisca, casada com o Capitão Bernardo José Gomes Carneiro
- 02- Alferes Manoel Gomes Carneiro, digo, Manoel Ferreira Carneiro, casado.
- 03- José Ferreira Cardoso, casado com Joana Felícia de Paiva
- 04- Ana, casada com o Alferes Manoel da Costa Ribeiro
- 05- Maria, casada com o Capitão João Ferreira da Silva
- 06- Joaquim Ferreira Carneiro, casado com Antonia Cândida da Silva
- 07- Antonia, casada com o Guarda Mor Francisco Gonçalves da Silva
- 08- Felicidade, casada com o Capitão Manoel Gomes Carneiro
- 09- Joana, solteira
- 10- Custódia, casada com o Tenente José Ferreira da Silva
- 11- Antonio
- 12- Maria, casada com José Dias de Gouvêa

A genealogia da família Ferreira apresenta-se como uma tarefa desafiadora, especialmente quando se observa o padrão de casamentos consanguíneos que marcou sua história. Ao longo das gerações, predominou uma prática de uniões entre primos, além de diversos casos de matrimônios entre tios e sobrinhas, o que, sem dúvida, torna o estudo genealógico mais complexo e intrincado.

“Manoel, filho de Manoel Carneiro, e de sua mulher Roza Francisca da aldeia da Ventozela nasceu aos vinte e cinco dias do mês de Dezembro de mil e Sete centos e trinta e hum foi baptizado por mim aos trinta dias do mesmo mês e anno forão padrinhos João Fernandes da vila, e Maria João mulher de Manoel João de Pereiras; forão testemunhas o Reverendo Padre Fellipe Dias Alvres, e Antônio Gil, e por verdade fis este acento era ut supra. Custodio Dias Alvres= Antônio Gil dos Reis= Felipe Dias.”

Em razão dessa característica peculiar, optou-se por apresentar, de maneira unilateral, a linhagem de um único ramo direto da família Ferreira. Esse ramo, por sua relevância, foi responsável pela formação de grande parte dos membros da família Ferreira estabelecidos na região do Triângulo Mineiro. Dessa forma, busca-se dar clareza ao percurso genealógico, mantendo o foco na continuidade de uma das linhas de descendência, sem prejuízo das ramificações que, por sua natureza, dificultariam uma abordagem mais abrangente e detalhada.

José Ferreira Cardoso e Joana Felícia de Paiva



Joana Felícia de Paiva



José Ferreira Cardoso

Nota: As imagens originais são daguerreótipos, um processo fotográfico inventado por Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851). Esse método consistia em uma placa de cobre ou estanho, revestida com uma fina camada de prata, cuja superfície polida refletia a luz como um espelho. Os daguerreótipos foram as primeiras fotografias duradouras a serem produzidas. Foram assinadas por Hércules Florence, que, além de ser um dos pioneiros da fotografia no Brasil, foi também o fotógrafo oficial de Dom Pedro II.

José Ferreira Cardoso, filho de Manoel Ferreira Carneiro, destacou-se como um notável escriba da família Ferreira. Ele dedicou-se a documentar meticulosamente a vida cotidiana e os eventos significativos de sua época, elaborando um livro de registros que abrange uma vasta gama de informações. Nesse valioso compêndio, constam registros de nascimentos dos filhos, anotações de orações, relatos de acontecimentos relevantes, além de contas feitas e pagas. Este manuscrito, conservado até os dias atuais por alguns de seus descendentes, tornou-se uma fonte inestimável para a pesquisa histórica. Ele oferece um panorama rico e detalhado do contexto social, econômico e cultural da época em que José viveu. Através de suas páginas, é possível vislumbrar as tradições, as preocupações e as práticas cotidianas de uma família que, como muitas outras, buscava registrar e perpetuar sua história para as gerações futuras. José e seu irmão Joaquim enfrentaram uma grave injustiça quando foram falsamente acusados da morte de um homem na então pacata Santo Antônio do Amparo. Em meio ao clima de hostilidade e temor pela condenação injusta, os irmãos tomaram a difícil decisão de fugir, buscando refúgio na região de Araxá. Ali, conseguiram adquirir de Antonio Machado Pereira, as terras da Sesmaria do Ribeirão de São Matheus, onde pretendiam recomeçar suas vidas. Com o passar do tempo, a verdade veio à tona, e José e Joaquim foram inocentados das acusações e retornaram a Santo Antônio do Amparo, onde puderam retomar seus laços e prosseguir suas vidas. José casou-se com Joana Felícia de Paiva, natural de Carrancas, filha de Capitão Antonio de Paiva e Silva e Anna Antonia de Brito.

Bartholomeu Ferreira da Silva e seu irmão Pedro Fer-

reira da Silva, filhos de Pedro Luiz Ferreira e Felizarda Rosa da Silva, eram genros de José Ferreira Cardoso. O primeiro casado com Maria Rita e o segundo com Joana. Devido à rivalidade política entre os dois irmãos, ambos transferiram residência do município paterno, indo Pedro para São Pedro de Itaboapona (ES) e Bartholomeu seguiu com a família para Araxá, indo morar na Fazenda São Mateus, que se tornou um importante centro econômico e social, ampliando consideravelmente o patrimônio da família Ferreira. Essa união familiar deu origem a diversas linhagens que se espalharam pela região, incluindo os sobrenomes Ferreira, Aguiar, Assis, Castro Alves e Paiva, os quais estão interligados na história de Araxá, Ibiá, e Campos Altos. Esse legado familiar se tornou a base de muitas gerações que habitam essas localidades até os dias de hoje, perpetuando a história e as tradições de seus antepassados.

Filho de José Ferreira Cardoso e Joana Felícia de Paiva

- 01-Maria Rita de Cássia de Paiva casada com Bartholomeu Ferreira da Silva
- 02-Antônio Ferreira de Paiva casado com Francisca Benedita de Paiva
- 04-Mizael Ferreira de Paiva casado com Brígida Angélica do Espírito Santo
- 05-Prudenciana Umbelina de Paiva casada com Joaquim Ribeiro de Paiva
- 06-José Pedro Ferreira de Paiva casado com Maria Felizarda de Paiva
- 07-Cândida Umbelina de Paiva casada com João Ferreira de Aguiar
- 08-Feliciana Ferreira de Paiva casada com Francisco de Assis Carneiro
- 09-Azarias Ferreira de Paiva
- 10-Ana Antonia Ferreira de Paiva
- 11-Vicente Ferreira de Paiva casado com Prudenciana Cândida de Aguiar
- 12-Joana Felícia Ferreira casada com Pedro Ferreira da Silva
- 13-Francisca de Paula Ferreira casada com Leandro Ribeiro de Paiva
- 14-Joaquim Leonel Ferreira de Paiva casado com Maria Victória de Paiva

Filhos de Maria Rita e Bartholomeu:

- 01-Joana Ferreira da Silva, casada com Carlos Ribeiro da Silva Castro
- 02-Maria Felizarda de Paiva casada com José Pedro Ferreira de Paiva (seu tio)
- 03-Francisca de Paula e Silva casada com Leandro Ribeiro de Paiva e posteriormente com Elias Antonio de Avila
- 04-Ananias Ferreira da Silva casado com Maria Cândida de Paiva
- 05-Carolina Leopoldina da Silva casada com Francisco Ignácio de Almeida
- 06-Misael Ferreira da Silva casado com Anna Antonia Ferreira de Paiva
- 07-**Emirena Leopoldina da Silva** casada com Antônio Ferreira de Aguiar

Filho de Cândida e João:

- 01-Pedro Ferreira de Aguiar, casado com Emília Aguiar Paiva e Ana Antonia de Assis.
- 02-Joaquim Ferreira de Aguiar, casado com Joana de Assis.
- 03-José Severino de Aguiar, casado com Ana Rita de Souza.
- 04-Maria Cândida de Aguiar, casada com Pedro Alves Ferreira.
- 05-Emirena Aguiar Paiva, casada com Vicente Ferreira de Paiva Sobrinho.
- 06-**Antônio Ferreira de Aguiar**, casado com Emirena Leopoldina da Silva.
- 08-Prudenciana Cândida de Paiva, casada com Vicente Ferreira de Paiva (seu tio).
- 09-Vicente Ferreira de Aguiar (falecido junto com a esposa e um filho durante uma epidemia de varíola em 1873).

Vovó Candinha: A Matriarca "Santa" da Família

Vovó Candinha, uma das figuras mais amadas e respeitadas da família, nasceu em 6 de agosto de 1816. Filha de José Ferreira Cardoso e Joana Felícia de Paiva, e neta do renomado Jangada, ela foi a sétima de quatorze filhos. Entre seus irmãos, foi a única a não se casar com um parente, casando-se com João Ferreira de Aguiar, o primeiro Aguiar da linhagem, filho de Antonio Ferreira de Aguiar e Maria Barbosa da Assunção. Dessa união, todos os descendentes dos Aguiar vieram a se originar. Como parte do dote e herança, Vovó Candinha recebeu a Fazenda Cachoeira, que seu marido, João, ampliou com novas aquisições. A fazenda era um local de produção diversificada, que incluía alimentos e vestuário, sendo

o sal a única exceção, vindo de fora. Vovó Candinha era uma mulher extremamente habilidosa em trabalhos manuais, e supervisionava as atividades de tecelagem, fiação e confecção de roupas, sempre em parceria com as escravas. Durante uma grande seca, conhecida como o "Ano da Fumaça", ela organizava os cargueiros da fazenda para levar mantimentos aos necessitados em Santo Antônio do Amparo. Quando seu marido questionou se isso não os deixaria sem nada, ela respondeu com confiança: "Não tem perigo, as tulhas da Cachoeira nunca se esvaziarão." E, de fato, as tulhas da Fazenda Cachoeira nunca se esvaziaram! Vovó Candinha rezava o terço com suas escravas e nunca permitia que ninguém fosse dormir sem rezar o Pai Nosso e três Ave-Marias, um hábito de fé que foi transmitido de geração em geração até os dias atuais. Sua devoção, generosidade e sabedoria continuam sendo lembradas e celebradas por todos os membros da família. Sua memória permanece viva, considerada por muitos como uma verdadeira santa. Sua fé era tão profunda que até hoje muitos recorrem à sua intercessão, especialmente para encontrar objetos perdidos, prometendo celebrar missas em sua memória. Anualmente, são celebradas dezenas de missas em sua homenagem em diversas cidades como Santo Antônio do Amparo, Araxá, Ibiá, e em outros locais onde seus descendentes residem, em reconhecimento às suas virtudes extraordinárias. Recentemente, Dom Miguel Ângelo de Freitas Ribeiro, Bispo de Oliveira e também descendente de "Jangada", expressou o desejo de iniciar o processo de beatificação de Vovó Candinha. Esse desejo se baseia no fato de que sua fama de santidade perdura há mais de 130 anos, o que constitui um sinal significativo de sua santidade. No entanto, para dar continuidade ao processo, são necessários dados mais sólidos e consistentes do que aqueles transmitidos apenas pela tradição.



Cândida Umbelina de Paiva – Vovó Candinha e João Ferreira de Aguiar

O fortalecimento dos Laços Familiares no Triângulo Mineiro : Emirena e Antonio

Emirena, carinhosamente chamada de "Vovó Lelena", era filha de Maria Rita e uniu sua vida ao de seu primo Antônio, filho de Vovó Candinha, vindo da Fazenda Cachoeira em Santo Antonio do Amparo. O casamento aconteceu em um contexto familiar que consolidava os laços de sangue e história, fortalecendo ainda mais os vínculos entre as famílias. Juntos, estabeleceram-se na fazenda Engenho, situada no município de Ibiá, uma propriedade que, com o tempo, também se tornaria um marco na região. O casal teve seis filhos — três filhas e três filhos — que, ao longo de suas vidas, adquiriram grande prestígio, tornando-se figuras de relevância e influência local, não apenas pela suas posses, mas também pela liderança que exerciam nas comunidades ao redor.

Filhos de Emirena e Antonio:

- 1-Adolpho Ferreira de Aguiar casado com Maria Rita da Silva Aguiar
- 2-Cincinato Ferreira de Aguiar casado com Maria Thereza da Costa
- 3-Ananias Ferreira de Aguiar casado com Juvenília de Melo
- 4-Irinéa Leopoldina da Silva casada com Joaquim Tobias Ribeiro de Paiva
- 5-Maria Cândida de Aguiar casada com Bartholomeu Ribeiro de Paiva
- 6-Maria Rita de Cássia Aguiar casada com Fernando Alves Portela de Oliveira



Ananias, Irinéa e Cincinato



Dentre os filhos, Cincinato e Ananias seguiram um caminho de união com duas irmãs, netas de Manoel Joaquim Cabral de Melo, o Barão de São Francisco das Chagas de Campo Grande, cujo nome reverbera até os dias de hoje como símbolo de prestígio, teve grande influência na formação da sociedade de sua época, e seus netos, por meio de casamentos estratégicos como esses, fortaleceram ainda mais o poder e o respeito das famílias envolvidas.

Adolpho, por sua vez, casou-se com sua prima Maria Rita (Priminha) e foram morar na histórica Fazenda São Matheus, um local imortalizado pela beleza e importância histórica na região, onde consolidaram a linhagem dos Ferreira e estenderam seus laços de poder e respeito. Foram os pais do Coronel José Adolpho de Aguiar, importante liderança política de Araxá.

Maria Cândida, conhecida como Zica, casou-se com seu primo, Bartholomeu Ribeiro de Paiva, e passou a viver na Fazenda Cotovelo, localizada em São Pedro de Alcântara, hoje Ibiá. Seus descendentes formaram laços com várias famílias tradicionais da região, como os Mendes, Reis, Gontijo, dentre outras.

Irinéa, outra filha de Emirena e Antônio, também casou-se com um primo, Joaquim Tobias Ribeiro de Paiva. O casal transferiu-se para a Fazenda Lagoinha, localizada em Pedrinópolis, uma propriedade que se tornaria também outra referência no ciclo de expansão da família Ferreira. A Fazenda Lagoinha era estratégica e prosperou com o empenho dos novos moradores, que continuaram o legado da família com vigor, através do casamento de uma filha com Dr. Virgílio Horácio de Abreu, vindo de Cantagalo, no Rio de Janeiro.

Finalmente, Maria Rita, irmã de Zica e Irinéa, casou-se com Fernando Portela, um homem que, embora não fosse parente, teve grande importância ao se unir a essa linhagem. Eles se mudaram para a região de Dolores de Santa Juliana, onde continuaram a trajetória com novos horizontes e conquistas.

Esses casamentos formaram o alicerce de boa parte dos descendentes dos Ferreira no triângulo mineiro. Os filhos e netos desses casais não só perpetuaram a história e os valores da família, mas também se tornaram nomes conhecidos reforçando ainda mais a relevância e o impacto dessa notável linhagem na construção da sociedade mineira.

Os Encontros da Família Ferreira

Os descendentes do Jangada preservam até os tempos atuais uma tradição única e encantadora: consideram como próximos até mesmo os primos mais distantes, tratando-os carinhosamente como tios e tias. Muitos membros da família Ferreira, provenientes de Santo Antônio do Amparo, em Minas Gerais, uniram-se, ao longo dos anos, aos seus parentes de Ibiá, de Araxá e de outras cidades vizinhas. Esse laço profundo e afetoso entre as gerações culminou, em 1955, na criação do 1º Encontro da Família Ferreira, realizado em Araxá. A reunião teve como pretexto uma partida de futebol, mas, na verdade, era um pretexto perfeito para reunir os parentes, reforçando laços de sangue e afeto. A ideia de se promover esta reunião de família partiu de Ananias Ferreira (“Nunuca”), de Santo Antônio do Amparo, que mantinha correspondência com o saudoso Coronel José Adolpho de Aguiar. Nas cartas os dois parentes e amigos falavam de suas famílias, de parentes, de negócios... Foi a partir daí que surgiu a ideia de se encontrarem.



1º Encontro da Família Ferreira – Araxá 1955

Em 1956, foi a vez dos Ferreira do Triângulo retribuírem a visita aos familiares de Santo Antônio do Amparo. Fretaram um trem especial para a ocasião e realizaram o 2º Encontro da Família

Ferreira, reafirmando o compromisso de manter vivos os laços de união. Foram 96 pessoas de Araxá e 73 de Ibiá, levaram brindes, faixas, e principalmente muita alegria para o encontro. O 3º En-

contro aconteceu em 1968, também em Araxá, e o 4º em 1981, seguindo a mesma tradição, sempre celebrando a importância da convivência familiar.



4º Encontro da Família Ferreira – Araxá 1981

Em 1996, foi a vez de Belo Horizonte sediar o 5º Encontro, reunindo gerações que se encontravam para valorizar o legado e a memória familiar, homenageando os mais velhos e apresentando os mais novos. Ao longo dos anos, essa tradição foi cuidadosa-

mente mantida, com um grupo de entusiastas que se uniram para reavivar a reunião familiar, buscando mobilizar o maior número possível de parentes. Foram realizados pré-encontros nas cidades de origem, incentivando a participação e renovando a energia de

todos. Assim, em 2002, o 6º Encontro da Família Ferreira foi celebrado em grande estilo em Araxá, reunindo mais de 1200 participantes.



6º Encontro da Família Ferreira – Araxá 2002

Em 2005, também em Araxá, aconteceu o 7º encontro. Foi uma festa memorável, que marcou os 50 anos da primeira grande reunião, e ficou

eternamente gravada na memória de todos os presentes. Aqueles momentos de confraternização, emoção e união reafirmaram o verdadeiro valor da família, criando memórias que jamais serão

esquecidas. Oxalá alguém das novas gerações se desperte para liderar a organização de novos encontros familiares, a fim de preservar a tradição e evitar que se perca no tempo.



7º Encontro da Família Ferreira – Araxá 2005

Fontes:

- Arquivo pessoal de Fabricio de Avila Ferreira
- Arvore Genealógica da Família Ferreira, Saulo Bartholomeu de Paiva

- Apontamentos Genealógicos de Afrânio e Newton Paiva
- Livro: “A História de Santo Antonio do Amparo”, Marieta Aguiar

- LEITE, Mário Lara. Nas trilhas do Jangada. [S. l.]: Lastro, c2005. 267 p.

Memórias fotográficas

Carnavais de Araxá de todos os tempos

Nesta edição, o “Memórias e Histórias de Araxá e Região”, entra na alegria do samba e resgata através de fotos antigas, um pouco dos len-dários e inesquecíveis carnavais de todos os tempos de Araxá e seus personagens em momentos de festa, folia e descontração. Confira a nossa galeria que está recheada de muita alegria, confete e serpentina:



1955 - Salão do Grande Hotel e os foliões nas mesas



1964 - ex governador de MG Magalhães Pinto no carnaval do Grande Hotel



1970 - Rei Momo Juarez Patrício e Rainha do Carnaval Maria Patrício no Grande Hotel



1988 - Grande Hotel e o Bloco dos Machões



Década de 80 Grande Hotel o casal Pedrinho e Terezilda Camargo



Década de 80 - baile no Grande Hotel - na foto Livia Fontes, Adriana Braga, Daniela Marques e Fernando Braga



Década de 80 e o carnaval do Clube Araxá



1997 - Grande Hotel - e o Bloco das Amigas



Década de 90 - o Bloco Arastão, composto pela imprensa e artistas



1993 - Carnaval na porta do Spetus Bar

Memórias e Histórias de Araxá e Região

Jornalista Responsável: Mauricio de Castro Rosa
DRT/MG 09830

Diagramação:
Lucas Mota

Reportagem e pesquisa:
Armindo Maia

Colaboradores:
Fabrício de Ávila Ferreira

Colabore:

Se tiver uma história, uma foto, um caso, uma curiosidade que ache interessante ser contada, nos envie, que você fará parte desta história.

Rua Santos Dumont, 242 – Araxá (MG)

Fones:

(34) 3437-3091 – 99833-7444

e-mail: memoriasehistoriasaraxa@gmail.com



Juntos, Preservamos Nossas Memórias e Histórias

Caro leitor,

O jornal Memórias e Histórias de Araxá e Região nasceu para valorizar e preservar as histórias das famílias, lugares e acontecimentos que construíram nossa identidade. Com muita dedicação, entregamos a você um conteúdo único, que resgata memórias preciosas e fortalece os laços com nossas raízes.

Caso você queira contribuir para a continuidade deste projeto, disponibilizamos nossa chave PIX ou leia o QR code ao lado:

Qualquer valor é bem-vindo, R\$10,00, R\$20,00, R\$30,00, R\$50,00... será integralmente investido na produção: Materia prima, impressão e diagramação.

Chave PIX:
MEMORIASDEARAXA@GMAIL.CO

